



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA – UNILAB**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ANTONIA CLAUDIANA DA SILVA CRISÓSTOMO BARROSO

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO A PARTIR DAS ESCOLAS
MUNICIPAIS DE REDENÇÃO-CE**

**REDENÇÃO - CE
2016**

ANTONIA CLAUDIANA DA SILVA CRISÓSTOMO BARROSO

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO A PARTIR DAS ESCOLAS
MUNICIPAIS DE REDENÇÃO-CE**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. **Leandro de Proença Lopes**.

REDENÇÃO - CE
2016

RESUMO

Este estudo busca abordar a temática da violência no contexto escolar em razão do crescente número de episódios violentos entre alunos dentro e fora das escolas no Brasil, um fator prejudicial à aprendizagem, à atuação profissional docente, entre outros males, fazendo surgir questionamentos acerca do papel da escola na prevenção desses casos e de entender quais os fatores que os influenciam. A pesquisa traz como questão principal perceber como as escolas municipais de Redenção-CE atuam diante dos casos de violência, com o objetivo de identificar as diferentes formas de violência presentes nas escolas do município, suas formas de manifestações e a percepção da comunidade escolar sobre o fenômeno, problematizando e elaborando reflexões sobre a violência presente no cotidiano dessas escolas, a fim de compreender e identificar as restrições, as ações e estratégias que são ou que possam ser estabelecidas para minimizar os casos. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, com a análise de material bibliográfico para uma melhor compreensão do tema, seguido por uma pesquisa de campo para a obtenção de dados através da aplicação de questionários e entrevistas com a comunidade escolar a fim de responder as questões levantadas. Através do estudo sobre a temática da violência escolar e das observações feitas na escola, a pesquisa pretende apontar possíveis caminhos que instrumentalize e permita que às escolas do município possam lidar com um tema que faz parte do cotidiano de várias instituições escolares, contribuindo para a melhoria da qualidade da educação municipal.

Palavras-chave: Redenção; violência; escola.

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 4 |
| 2. JUSTIFICATIVA..... | 7 |
| 3. OBJETIVOS..... | 10 |
| 4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 11 |
| 5. METODOLOGIA..... | 19 |
| 6. RESULTADOS ESPERADOS..... | 23 |
| REFERÊNCIAS..... | 24 |

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa terá por objetivo descrever as formas de atuação das escolas municipais de Redenção-CE ao se depararem com casos de violência entre seus alunos, buscando reconhecer as características dessa violência, de como são percebidos pela comunidade escolar e de que maneira esses casos são tratados ao chegarem ao conhecimento dos gestores. A violência escolar não é um problema novo, mas que vem aumentando expressivamente nos últimos anos. São casos de agressões que vão se tornando cada vez mais graves e preocupantes, revelando-se como um problema social e educacional.

Quem demonstra isso são os dados de um estudo feito pelo instituto de pesquisa Data Popular, a pedido da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação) em parceria com a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), sobre a importância da educação pública e a qualidade do ensino público no Brasil. A pesquisa intitulada "A educação e os profissionais da educação" apresentada em setembro de 2014, revela que 89% dos brasileiros consideram que há muita violência nas escolas públicas do país.

Um estudo divulgado pelo MEC em março de 2016, realizado em sete capitais brasileiras com maiores taxas de assassinatos entre jovens, aponta Fortaleza com o maior índice de violência no âmbito escolar, com 67% dos alunos que afirmam ter sofrido algum tipo de violência. A pesquisa envolve casos de agressão física e psicológica nas escolas públicas. Diante desses e outros estudos, seguidos de casos de violência ocorridos nas escolas municipais de Redenção que foram narrados por familiares de estudantes e também por profissionais que trabalham nessas escolas, surge o interesse de se compreender quais as barreiras e o que é possível ser feito para reduzir essas incidências. Assim como a de descrever as percepções da comunidade escolar sobre o assunto, as possíveis motivações dos casos e suas consequências.

São diversos os casos ocorridos nas escolas do município, agressões físicas, verbais, entre outros, sendo "necessário que cada instituição escolar brasileira enfrente as violências escolares com firmeza e altivez pedagógica" (ABRAMOVAY; RUA, 2003, p.12), assegurando a qualidade do ensino. Neste sentido, esse estudo busca reconhecer as formas de atuação das escolas municipais de Redenção-CE em relação aos casos de violência entre estudantes, observando a partir dessa pesquisa

os principais tipos de violência e como esses casos são tratados pelas escolas. Sendo assim, este trabalho levanta os seguintes problemas: quais os limites e as possibilidades das escolas municipais de Redenção – CE atuarem diante dos casos de violência? Qual o papel da gestão? Como a escola percebe essa violência? Quais fatores podem influenciar essa violência? Pois compreender é o primeiro desafio de um problema complexo, que interfere nas relações e no processo educativo.

Com bases nesses questionamentos, observa-se que a banalização da violência na atualidade, à falta de preparação dos profissionais de educação para saber lidar com os pequenos conflitos diários e a falta de conhecimento sobre a importância da temática, além dos casos de negligência onde se esquece do papel significativo da escola na formação do cidadão, são algumas das barreiras que impossibilita a escola na busca da prevenção e na diminuição dos casos de violência. Entretanto, é possível reduzi-los a partir do reconhecimento da presença da violência dentro da escola e através do conhecimento sobre o tema, facilitando na desconstrução de uma “cultura de violência”, abrindo espaço para a criação de práticas educativas que possam diminuir os casos, melhorando assim as relações dentro da escola.

Portanto, o presente trabalho visa compreender a violência, seus conceitos fundamentais e suas principais características, como também a de apontar algumas das estratégias utilizadas para prevenção e redução do problema, realizadas com sucesso por alguns programas, como o “Abrindo Espaços”, uma iniciativa de inclusão social e de redução da violência, unindo a escola, os jovens e a comunidade. Este programa abre as escolas nos finais de semana, ofertando atividades esportivas, culturais, etc. Estimulando a convivência entre os diversos grupos e favorecendo na resolução de conflitos pela via da negociação e de uma cultura de paz.

A pesquisa buscará descrever as percepções da comunidade escolar sobre a violência, revelando as diferentes visões sobre o assunto. Por fim, irá relacionar as informações obtidas através desse estudo em busca de um resultado que promova ideias inovadoras para a prevenção desse fenômeno.

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990) em seu Art. 5º, é assegurado que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão” (BRASIL, 1990) dentro ou fora da família. No Art. 18, deixa claro que “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-

os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor." (BRASIL, 1990) Portanto, esta pesquisa justifica-se pelo aumento considerável de atos de violência dentro e fora das escolas, bem como pela falta de ações planejadas que busquem prevenir os casos e solucionar os conflitos já existentes entre os alunos.

Apesar de que essa violência não se encontra apenas dentro, mas também no trajeto de ida ou volta das escolas, afastando estudantes das aulas. Conforme a informação revelada nos dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense) realizada em 2012 pelo IBGE, e ministérios da Saúde e da Educação: foram consultados 109 mil alunos de 3 mil escolas públicas e privadas de todo o território brasileiro. Nessa pesquisa, 8,8% dos estudantes disseram que deixaram de ir à aula por não se sentirem seguros no caminho entre a casa e a escola.

De acordo com essa pesquisa, que investigou temas relacionados a vários aspectos em que a violência pode afetar os estudantes (sentimento de insegurança no deslocamento para a escola e no espaço escolar, envolvimento em brigas com armas de fogo e branca, etc), a frequência dos casos foi maior entre os alunos de escolas públicas. Nas escolas públicas do município de Redenção, o trajeto das crianças da escola até em casa é um caminho seguido por violências, como os mais diversos tipos de xingamentos, que terminam em agressões físicas e que continuam dia após dia, ocorrendo dentro e fora da escola.

Sendo assim, para a realização desta pesquisa será feito um estudo exploratório-descritivo, com estudo da bibliografia e uma análise documental, seguida por uma pesquisa de campo, onde será feito uso das técnicas da observação sistemática, e da aplicação de questionários e entrevistas aos alunos, pais, professores e demais funcionários das escolas participantes.

A violência faz parte de um dos problemas mais alarmantes da sociedade brasileira, e uma vez que se encontra presente na sociedade, também penetra no interior das escolas, muitas vezes de maneira despercebida, mas provocando inúmeras consequências. Além disso, é importante ressaltar que a escola através de sua cultura, também produz uma violência que pode se reproduzir na sociedade. Portanto, se faz necessário à elaboração de estudos sobre essa temática, alertando as instituições para uma situação que se agrava a cada dia e que transforma o ambiente escolar em um palco de violências.

2. JUSTIFICATIVA

A violência é um problema social que vem se manifestando cada vez mais nas escolas brasileiras, por isso é importante entendê-la e estudá-la a fim de refletir sobre esse fenômeno e sobre as possíveis formas para a resolução destas questões e de outras a elas relacionadas no interior das instituições formais de ensino. A violência é um tema muito falado, mas pouco se pensa sobre suas causas; diariamente nos deparamos com manchetes de jornais e com vídeos na internet que expõem fatos chocantes, causando espanto e medo em relação à extensão dessa violência que deixa sua marca na sociedade. Conforme Waiselfisz:

O continuo incremento da violência cotidiana configura-se como aspecto representativo e problemático da atual organização da vida social, especialmente nos grandes centros urbanos, manifestando-se nas diversas esferas da vida societal. (...) uma profunda mudança nas formas de manifestação, de percepção e de abordagem de um fenômeno que parece ser uma das características marcantes da nossa época: a violência. (2004, p.15)

Um fenômeno antes manifestado em maior número nos grandes centros urbanos atravessa as zonas rurais e chega às cidades do interior, seja por meio dos noticiários ou através dos crescentes índices de violência, como o aumento no número de homicídios entre jovens em razão do tráfico de drogas.

A exposição de casos violentos nas mídias pode causar um efeito contrário, traduzindo-se em uma banalização da violência. Com isso, passa-se a acreditar que é algo que faz parte da sociedade moderna e da adolescência, desenvolvendo entre os jovens uma cultura de violência. E tornando-se algo natural na sociedade, adentra os muros das escolas com a mesma naturalidade. São vários casos de agressões entre alunos e muitos desses eventos são expostos nas redes sociais, onde são vistos e compartilhados por diversas pessoas, e ao mesmo tempo que assusta, se naturaliza.

No entanto, ao ocorrerem episódios mais graves, como casos de morte, a repercussão faz surgir várias especulações procurando atribuir de quem seria a culpa: da escola, da família ou da sociedade? Um dos casos de morte atribuído a violência escolar ocorrido no Brasil foi a do estudante Eduardo de Souza Cordeiro, de 12 anos. A família acredita que a morte tenha ocorrido por causa de uma surra dada por colegas dentro da Escola, em Belém (PA). O estudante, que já havia relatado sobre agressões sofridas, deixou de frequentar a escola por alguns dias. A família também já havia

reclamado junto à direção da escola sobre os fatos que vinham ocorrendo com a criança, porém nenhuma solução foi encontrada, ocorrendo o fato dias depois.

Diante de fatos como esse e outros espalhados pelas escolas brasileiras, envolvendo violência entre alunos, professores e funcionários, é que se percebe a ausência de reflexão nas escolas sobre a gravidade desse fenômeno que ocorre diariamente, passando por despercebido na maior parte das vezes ou simplesmente é tido como casos de indisciplina entre jovens. Nesses casos, o que cabe a escola? Tolerar, “fechando os olhos”, repassando a responsabilidade aos pais ou junto a esses buscar por soluções e alternativas para conter esses casos? Como bem coloca Elias:

Assumir a prevenção da violência escolar, dada sua magnitude e enorme pluralidade, implica uma forte mudança de concepção e de práticas educativas. Não apenas da escola, que não pode ficar sozinha nessa atividade, mas de toda a sociedade. (2011, p. 81)

Necessariamente, a escola deve saber enfrentar e conduzir os conflitos para que possa cumprir seu papel de formação na vida dos estudantes, construindo um ambiente mais harmonioso e com menos violência. Por outro lado, a transformação de uma sociedade menos violenta necessita de políticas públicas nos mais variados setores para além da educação, como na saúde, na segurança, entre outros. Portanto, a escola, a sociedade e a família são responsáveis por afastar a violência da vida dessas crianças e adolescentes, cada um exercendo seu papel. Neste sentido, a escola precisa reconhecer sua responsabilidade e a necessidade de se aprofundar sobre o assunto para que possam ser tomadas atitudes eficazes contra a violência.

Portanto, em busca da compreensão de um tema complexo que traz diversos desafios à instituição escolar, esse estudo apresentará conceitos e definições de autores que estudam sobre o tema, auxiliando na criação de ferramentas necessária para a prevenção da violência nas escolas municipais de Redenção-CE. O público alvo deste estudo serão os alunos do ensino fundamental das escolas municipais de Redenção-CE e todos que fazem parte do sistema educacional, como também outros sujeitos interessados e preocupados na melhoria da qualidade da educação deste município.

O que impulsiona a realização desse trabalho foi um considerável número de relatos de pais de alunos (chegando a meu conhecimento de maneira informal), que ao se depararem com seus filhos vítimas de alguma forma de violência dentro das

escolas municipais de Redenção - CE e procurarem a direção da escola, não recebiam nenhum auxílio ou solução para os casos. A única saída encontrada por alguns desses pais foi efetuar a mudança de escola, pois se tornava impossível manter os filhos em ambientes onde a violência era constante, no entanto essa ação não é suficiente para se mudar a realidade de violência que se encontra dentro das escolas.

Diante de fatos como esses surgiu à necessidade de observar através de uma pesquisa quais as principais características dessa violência, quais fatores influenciavam e o que impossibilitava a busca por soluções por parte da escola. Como enfatiza Abramovay e Rua:

a violência na escola não deve ser vista simplesmente como uma modalidade de violência juvenil, pois sua ocorrência expressa a intersecção de três conjuntos de variáveis independentes: o institucional (escola e família), o social (sexo, cor, emprego, origem socioespacial, religião, escolaridade dos pais, status socioeconômico) e o comportamental (informação, sociabilidade, atitudes e opiniões). (2003, p.14)

Para isso, esse estudo se faz necessário, revelando a presença da violência nas escolas municipais de Redenção-CE, apresentando outros fatores que possam ir além da indisciplina e dos “pequenos” conflitos diários entre os estudantes.

Serão utilizados como base, estudos apresentados pela UNESCO sobre a violência no Brasil e de outros estudiosos no assunto como Miriam Abramovay, autora de vários livros e artigos nas áreas de educação, ciências sociais, gênero, violências nas escolas e juventudes. Uma das primeiras leituras em busca da compreensão desta temática foi a do livro “Violências nas Escolas”, referência no estudo sobre a violência escolar, um fenômeno “que quando presente nas escolas prejudica seu funcionamento, impedindo que ela cumpra sua função institucional, ensinar crianças e jovens.” (ABRAMOVAY; RUA, 2003, p.11) Esse estudo mobilizou governos, ONG's, pesquisadores e educadores e seu objetivo maior é gerar condições de superação dessa violência, a partir de soluções apresentadas pelos próprios atores de cada comunidade escolar.

Sendo assim, também estudaremos a violência escolar a partir dos pontos de vistas dos sujeitos que fazem parte da comunidade escolar, saber o que entendem sobre violência, identificando as características particulares de cada escola. Posto que “a percepção do fenômeno das violências nas escolas resulta das histórias vividas e recolhidas pelos diversos atores que convivem no ambiente escolar e das relações

que estabelecem entre si” (ABRAMOVAY; RUA, 2003, p. 72), torna-se indispensável o trabalho de campo desta pesquisa, já que é necessário reconhecer as violências presentes em cada ambiente para se identificar quais os tipos de estratégias e medidas que deve ser desenvolvida por cada instituição. Pois se sabe que

a expressão “violência escolar” engloba uma multiplicidade de práticas heterogêneas que se apresentam juntas, entrelaçadas. É, portanto, uma constelação. Envolve qualquer tipo de violência que ocorra no contexto escolar, com qualquer pessoa ou instituição que tenha vínculo direto ou indireto com a escola. Desse conceito é preciso destacar vários aspectos importantes. O primeiro refere-se à enorme variedade ou diversidade de violências que vão requerer ações diferenciadas. (ELIAS, 2011, p.11)

Por tanto “vale frisar que as escolas têm uma dinâmica muito intensa e acabam sendo ‘engolidas’ pelas exigências da rotina, o que, muitas vezes, impede um olhar atento aos sinais de alerta e, assim, também a ação no sentido da prevenção.” (ELIAS, 2011, p. 64) Por essa razão, a violência se torna um grande desafio para as escolas.

O crescente envolvimento de adolescente com o uso de drogas, a falta de tolerância e de respeito com o outro, as desigualdades presentes na sociedade brasileira, entre outros, são fatores que podem influenciar no crescimento desse fenômeno dentro das escolas.

A escolha desse tema deve-se a importância de se tratar de um fenômeno que já causou várias tragédias pelo mundo, e que vem passando por despercebido no cotidiano das escolas municipais de Redenção-CE, trazendo prejuízos para a educação e conseqüentemente para a sociedade como um todo.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Investigar o problema da “violência escolar” no município de Redenção-CE, avaliando seus fatores, características, tipologias e alternativas de superação.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as principais características da violência escolar e quais podem ser os mecanismos utilizados para prevenção e redução do problema.
- Analisar as percepções da comunidade escolar sobre a violência, discorrendo sobre medidas estratégicas para superá-la.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A violência é uma das principais preocupações da sociedade brasileira, pois ela atinge a vida, a integridade física e moral das pessoas, transgredindo as leis e impossibilitando uma convivência pacífica em sociedade. Nos últimos anos, o Brasil entrou no grupo de países que possuem a sociedade mais violenta do mundo. Manifestando-se por meio da opressão e do abuso da força, a violência vem se fazendo desde sempre presente na história da sociedade brasileira, atingindo todas as classes sociais. Atualmente torna-se visível através dos altos índices de violência, e as formas que mais fazem vítimas é a violência contra a mulher, o abuso infantil, as discriminações e o tráfico de drogas, causados principalmente pela desigualdade social e o baixo investimento em saúde e educação.

Deste modo, Debarbieux e Blaya (2002, p.10) asseguram que “se a escola reflete a sociedade, como se sabe desde os fundadores da sociologia da educação, aumentando as violências na última, tendem também a aumentar na primeira.” Acrescentando que “longe de ser uma instância passiva, a escola pode amplificar a violência ou contribuir para a construção da paz na sociedade.” Por tanto, essa violência que tanto prejudica a vida em sociedade, também se reproduz dentro das escolas. E na medida em que sua manifestação aumenta na sociedade brasileira, essa também irá crescer na instituição escolar. “As manifestações do fenômeno, como se sabe, são multifacetadas e atravessam as relações sociais e as instituições brasileiras de maneira perturbadora, inclusive nas escolas.” (ROLIM, 2008, p.23)

Faleiros e Faleiros (2008) afirmam na apresentação de seu livro “Escola que protege: enfrentando a violência contra criança e adolescentes”, que as violências cometidas contra as crianças e os adolescentes estão entre um dos problemas mais pungentes no Brasil, deixando marcas físicas visíveis e marcas psicológicas invisíveis e profundas. Advertem que:

Combater a teia de violência que muitas vezes começa dentro de casa e em locais que deveriam abrigar, proteger e socializar as pessoas é uma tarefa que somente poderá ser cumprida pela mobilização de uma rede de proteção integral em que a escola se destaca como possuidora de responsabilidade social ampliada. (FALEIROS; FALEIROS, 2008, p.7)

O processo histórico brasileiro envolveu crianças e adolescentes em relações de maus tratos por diversas instituições sociais ao longo do tempo, sendo vítimas de violência física, psicológica e sexual, causando inúmeros prejuízos para a saúde dessas crianças, como a dependência química ou até mesmo doenças mentais ou metabólicas. No entanto “As gradativas transformações socioculturais, incluindo a caracterização desse grupo social como ‘sujeitos de direito’, exigiram a mobilização de diferentes segmentos da sociedade pública e civil” (FALEIROS, FALEIROS, 2008, p.15-16). Podemos ver isso através do aumento expressivo no número de pesquisas feitas ao longo dos anos no Brasil sobre a temática da violência escolar. Diante disso, Souza (2012, p.22) afirma que:

A história demonstra que a violência nas escolas não é um fenômeno novo. Contudo, novas formas de violência escolar nascem cotidianamente, fatos estes que têm tornado a violência o objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas, pois ela afeta a sociedade como um todo.

O fenômeno da violência escolar não é novo, mas configura-se com novas formas de manifestações que vem se expandindo por diversos lugares com índices elevados em todo o mundo, levando a dificuldades na aprendizagem, a exclusão, a evasão, a repetência, entre outros.

Estudos retratam a violência nas escolas em contexto mundial, como a pesquisa da ONG inglesa Plan (uma das mais antigas e maiores organizações internacionais de desenvolvimento, que opera em 66 países), onde mostra que um milhão de crianças em todo o mundo sofrem algum tipo de violência nas escolas todos os dias. Esta pesquisa é parte da campanha global “Aprender sem medo”, que concentra sua atenção nesses 66 países, mas que tem como objetivo promover um esforço mundial para erradicar a violência escolar. O estudo diz que as vítimas perdem o interesse pela escola e passam a faltar às aulas para evitar novas agressões e alerta que essa violência atenta contra os direitos das crianças, no entanto é algo previsível e evitável.

No Brasil, os primeiros estudos sobre o tema ocorreram a partir de 1980 junto ao processo de democratização do país. Sposito assegura que isso se deu naquele momento por uma maior abertura para as questões que afetavam a qualidade de vida da população das periferias das grandes cidades e pelas lutas por uma maior democratização das instituições oficiais. Reconhecendo que “a elevação da violência à condição de problema nacional no debate público decorre também de sua disseminação e diversificação no âmbito da sociedade civil”. Confirmando que:

É no quadro de uma ampla demanda de segurança por parte dos moradores das periferias dos centros urbanos que o fenômeno da violência nos estabelecimentos escolares torna-se visível e passa a acompanhar a rotina do sistema de ensino público no Brasil, desde o início dos anos 1980. (...) Tratava-se assim de uma concepção de violência expressa nas ações de depredação do patrimônio público, especialmente, e, em menor grau, no medo da invasão dos prédios por adolescentes ou jovens moradores, aparentemente sem vínculo com a unidade escolar. Naquele momento não estavam sendo questionadas as formas de sociabilidade entre (sic) alunos, mas eram criticadas as práticas internas aos estabelecimentos escolares produtoras da violência. (SPOSITO, 2001, 90-91)

Os estudos realizados por Sposito (2001, p.92-94) atestam que as primeiras pesquisas desse período foram iniciativas do poder público, porém as informações eram precárias, e os primeiros diagnósticos sempre apontavam as depredações, furtos e invasões como os grandes problemas da época. Já ao longo da década de 1990, as produções de pesquisas sobre violência escolar são feitas também por algumas ONG's, por entidades de profissionais da educação e por organismos públicos. Esses estudos apontavam uma peculiaridade, pois não eram voltados para a análise da relação violência e escola, mas buscavam decifrar certas condutas violentas entre os jovens. No entanto, um levantamento nacional sobre violência escolar publicado em 1998, identificou como situações mais frequentes do período, as depredações, o vandalismo, os furtos e roubos ao patrimônio e incluindo a partir daí as agressões físicas entre alunos e entre alunos e professores. Com isso, Sposito assegura que:

Embora os resultados sejam bastante fragmentários, é possível considerar que os anos 1990 apontam mudanças no padrão da violência observada nas escolas públicas, atingindo não só os atos de vandalismo, que continuam a ocorrer, mas as práticas de agressões interpessoais, sobretudo entre o público estudantil. (2001, p. 94)

Primeiramente, esses estudos eram feitos somente em grandes centros urbanos, depois se ampliou o universo geográfico de investigação, desenvolvendo estudos em outras cidades brasileiras com a obtenção de novos elementos para a composição do tema enquanto objeto de estudo. Sastre anuncia que pesquisas sobre o tema da violência nas escolas, desde 1980 até o presente, adquiriram grande espaço nas universidades e instituições brasileiras, refletindo a profundidade e complexidade do fenômeno. No entanto, esclarece que a maior parte dessa produção intelectual permanece desconhecida tanto para os pesquisadores da área, como para as instituições que formulam a política pública. Trata-se, porém, de um campo de estudo que mesmo possuindo um grande número de produção científica, não provoca “condições para a geração de um **circuito virtuoso** entre produção intelectual, discussão pública desse conhecimento e incorporação institucional através de política pública” (SASTRE, 2009, p.7).

Diante desses fatos que contribuem para limitar as ações de prevenção dificultando o conhecimento sobre a importância do tema, surge a questão: qual o papel das instituições escolares na prevenção dessa violência. Rolim (2008, p.41) assegura que:

O que se pode afirmar, de qualquer maneira, por todo o conhecimento acumulado nas últimas décadas, é que não se pode mais imaginar que fenômenos complexos como o crime e a violência possam continuar sendo tratados de forma simplória, como se apenas as polícias e as leis penais pudessem assegurar uma resposta eficaz. As evidências disponíveis demonstram que isto não é verdadeiro e, pior ainda, que a insistência em respostas de natureza essencialmente punitiva pode – e frequentemente o faz – aumentar as dimensões do problema.

Esse fenômeno complexo faz parte de um dos principais desafios a ser superado pelo sistema educacional. Pois no espaço escolar, um lugar dedicado à educação e a socialização de crianças e adolescentes, atitudes como desrespeito e agressões vem fazendo cada vez mais parte da realidade. Casos de violência vistos por alguns como um acontecimento normal entre os estudantes, mas que precisam ser percebidos como algo bem mais complicado, necessitando de estudos e de análises profundas. Tendo em vista que

as situações de violência comprometem o que deveria ser a identidade da escola – lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem de valores éticos e de formação de espíritos críticos, pautados no diálogo, no reconhecimento da diversidade e na herança civilizatória do conhecimento acumulado. Essas

situações repercutem sobre a aprendizagem e a qualidade de ensino tanto para alunos quanto para professores. (ABRAMOVAY; RUA, 2003, p.65)

Estudiosa no assunto, Miriam Abramovay, coordenadora da área de Juventude e Políticas Públicas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais e coordenadora de pesquisas da Unesco (Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura), defende a criação de políticas públicas de prevenção da violência escolar, de diagnóstico dos problemas e da formação específica de professores. Pesquisadora do tema há mais de dez anos, considera que pouco vem sendo feito, já que esses comportamentos vêm se repetindo e aumentando. Tratar a violência na escola é algo urgente, os projetos desenvolvidos hoje irão definir o rumo da violência escolar no futuro.

Com isso, esta pesquisa buscará compreender as implicações e significados da violência escolar por meio de análises teóricas e através da percepção da comunidade escolar sobre o tema. Para isso deve ser adotada uma concepção abrangente de violência que vai além de agressões físicas e verbais entre alunos, buscando entender também as dimensões socioculturais e simbólicas do fenômeno. Pois, como afirma Abramovay e Rua:

Tratar de violência na escola significa lidar com uma intersecção de elementos, isto é, um fenômeno de uma nova ordem e não simplesmente o somatório dos objetos “escola” e “violência”. É um fenômeno singular, pois envolve práticas sociais que, para serem compreendidas, requer um olhar que não as reduza a meras extensões de práticas violentas ou escolares. (2003, p. 63)

Todavia, definir violência escolar é algo complexo, os estudiosos sobre o tema ainda não chegaram a um consenso do que pode ser definido como violência escolar, pois

apresentar um conceito de violência requer uma certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais. (ABRAMOVAY (Coord.), 2005, p. 53)

Esse projeto buscará dialogar com a literatura sobre o conceito de violência, ao mesmo tempo em que analisará as considerações dos diversos sujeitos que fazem

parte da comunidade escolar, percebendo o que esses sujeitos definem como violência. Pois as características da violência escolar “varia em função do estabelecimento, de quem fala (professores, diretores, alunos etc.), da idade e provavelmente do sexo. Não existe consenso em torno do seu significado”. (ABRAMOVAY; AVANCINI; OLIVEIRA, 2006, p.30). Contudo, para melhor entender o fenômeno da violência nas escolas

é preciso levar em conta fatores externos e internos à instituição de ensino. No aspecto externo, influem as questões de gênero, as relações raciais, os meios de comunicação e o espaço social no qual a escola está inserida. Entre os fatores internos, deve-se levar em consideração a idade e a série ou o nível de escolaridade dos estudantes, as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições e o comportamento dos professores em relação aos alunos (e vice-versa) e a prática educacional em geral. (ABRAMOVAY, AVANCINI E OLIVEIRA, 2006, p.31)

Entretanto diante da dificuldade em se definir violência escolar, para abordar essa temática é preciso “cuidado para não estigmatizar os atores envolvidos e atribuir uma dimensão exagerada aos casos do cotidiano e precisão para não ignorar as sutilezas que afetam de forma negativa a comunidade escolar.” (CAREN, 2006, p.23). Charlot (2002, p.439) diz que “é difícil falar de violência, sem fixar normas. Mas parece impossível falar dela rigorosamente, fixando normas...” No entanto, Elias considera que para desenvolver projetos eficazes de prevenção é necessário que “trabalhem com definições capazes de explicar o que acontece na realidade”, definindo violência escolar como os acontecimentos que “envolve qualquer tipo de violência que ocorra no contexto escolar, com qualquer pessoa ou instituição que tenha vínculo direto ou indireto com a escola” (2008, p.11)

Elias destaca três aspectos desse conceito: Um primeiro aspecto são as várias formas de violência relacionada com a escola: brigas, xingamentos, roubos, falta de respeito, autoritarismo, racismo, etc. O segundo aspecto refere-se ao âmbito, esclarecendo que se trata de qualquer violência que venha a ocorrer no contexto escolar, vindo a acontecer dentro (nas salas de aula, no pátio) ou fora dos muros escolares (na rua, nas atividades extraescolares, no jogo de futebol). O terceiro aspecto diz respeito às pessoas, na condição de agentes ou de vítimas, envolvendo pessoas com vínculo direto ou indireto com a escola, como professores, alunos, seus

familiares, etc. Sendo assim, ao estudar a violência escolar é importante considerar suas várias faces.

Diante da variedade de manifestações desse fenômeno, Bernard Charlot (2002) faz distinções conceituais necessárias, distinguindo a violência escolar em violência na escola, à escola e da escola:

- A **violência na escola** é a produzida dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar, ou seja, são acontecimentos de origem externas e que poderiam ter ocorrido em qualquer outro lugar, como chacinas, venda de drogas, etc.
- A **violência à escola** está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar, como casos de violência direta contra a instituição, como depredações, vandalismo, etc.
- A **violência da escola** é entendida como a violência onde as vítimas são os próprios alunos, como métodos de avaliação, preconceitos, autoritarismo, etc.

Para Charlot esta distinção é necessária, pois “se a escola é largamente (...) impotente face à violência na escola, ela dispõe (...) de margens de ação face à violência à escola e da escola” (2002, p. 435) Ou seja, uma distinção fundamental ao se pensar em estratégias de prevenção, “pois se a escola está limitada à adoção de arranjos que impeçam a violência na escola, muitas são as opções e possibilidades de intervenção e prevenção para os casos de violência à escola e da escola.” (CAREN, 2006, p. 28)

Portanto, “é preciso reconhecer que dentro da própria escola existem possibilidades de lidar com as diferentes modalidades de violência e de construir culturas alternativas pela paz, adotando estratégias e capital próprios.” (ABRAMOVAY; AVANCINI; OLIVEIRA, 2006, p. 31) e como considera Elias, a violência social é um desafio, e

uma das tarefas da educação é justamente a construção e possibilidade de conviver, de viver juntos. Pretender educar apenas com o foco em diferentes disciplinas e conteúdos, ignorando a realidade da violência, não é uma opção viável. Além dos conteúdos e disciplinas, a escola deve trabalhar a convivência, os conflitos e a violência. (2011, p.7)

Para isso é necessário um conjunto de medidas estratégicas, onde não existirão fórmulas mágicas, mas que irá possibilitar um avanço na prevenção e em uma educação para a convivência. Um importante passo está na formação dos profissionais que lidam direto com essa problemática, pois é notável “os limites e dificuldades provenientes da formação recebida pelos profissionais da educação para interagir com questões que fogem ao currículo tradicional.” (ELIAS, 2008, p. 64) Daí a importância de um projeto de prevenção que se inclua uma formação dos sujeitos que compõem a comunidade escolar, sendo uma medida essencial para um projeto eficaz de prevenção a violência.

Contudo, Elias adverte que

assumir a prevenção da violência escolar, dada sua magnitude e enorme pluralidade, implica uma forte mudança de concepção e de práticas educativas. Não apenas da escola, que não pode ficar sozinha nessa atividade, mas de toda a sociedade. Eis o papel social da educação: o pleno desenvolvimento dos cidadãos e cidadãs. (2008, p. 81)

Neste sentido, vale destacar o estudo de Oliveira, que alerta sobre o crescimento dos casos de violência nas escolas brasileiras e sobre a criação de ações e iniciativas de combate a esse mau, “prevenir e superar a violência dentro da escola demanda um esforço muito grande, mas não é um objetivo inalcançável.” (2008, p.502) A autora demonstra diversas iniciativas existentes entre organismos internacionais, governos, ONGS e escolas para o enfrentamento da violência e mostra que essas experiências foram bem sucedidas. Para isso, esses programas inovaram no modo de administração, com uma gestão efetiva e eficaz, atuando de forma a valorizar o diálogo nas resoluções de conflitos, reprimindo a violência com uma gestão escolar democrático/participativa. No entanto a autora lembra que cada escola tem sua realidade e cada uma deve buscar o melhor caminho.

Oliveira (2009) ressalta a importância da relação escola e família/sociedade/comunidade para que se crie um clima de envolvimento, contribuindo para uma melhor convivência e aprendizagem, além da necessidade dos estudos e análise da literatura, que contribuem para a compreensão do fenômeno, sua origem, seus conceitos, as implicações no processo educativo e a importância de se discutir a temática e de se ouvir às vítimas, a fim de que seja possível entender os fatos que rodeiam a violência escolar.

Portanto, mesmo com a presença da violência no cotidiano das pessoas e de seu crescimento acelerado, parecendo algo incontrolável e sem solução, são revelados através de estudos que

construindo mecanismos de prevenção e combate à violência, é possível reverter esse quadro. Contudo, é fundamental construir uma visão crítica sobre o assunto a partir do conhecimento profundo das raízes e da verdadeira dimensão da violência (OLIVEIRA, 2008, p.502).

Assim, pode-se perceber que o caminho sobre o estudo da violência escolar vem sendo construído ao longo dos anos no Brasil, e a partir desse conhecimento é possível realizar novas estratégias e desconstruir velhos hábitos que põe em risco o desenvolvimento de crianças e adolescentes durante sua formação.

Oliveira (2008) lembra que: “cada escola deve construir o seu caminho à luz da sua realidade, da sua trajetória, observando suas particularidades, potencialidades e limitações.” Neste sentido, esse projeto busca oferecer elementos que contribuam para uma educação formal mais humanizada e sem violências, ressaltando a importância da escola para tratar da questão da violência dentro ou fora de seus limites, melhorando a qualidade de vida dos alunos e de toda a comunidade escolar. Uma vez que o reconhecimento da presença da violência e de suas graves consequências torna a possibilidade de preveni-la uma perspectiva real, através da mudança de comportamento e da contribuição de todos para uma escola mais participativa e democrática, priorizando o diálogo e o respeito mútuo.

5. METODOLOGIA

Este projeto de pesquisa propõe uma análise das escolas municipais de Redenção-CE e os casos de violência escolar, observando suas tipologias, características e ações adotadas frente a esses casos. Por tanto o método utilizado para o desenvolvimento desse projeto é importante para que possa ter resultados eficazes nas respostas aos questionamentos levantados pela pesquisa.

A pesquisa a ser desenvolvida é do tipo exploratória e descritiva. Será exploratória, pois como salienta Gil (2008, p.27) as pesquisas deste tipo “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, (...). Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não

padronizadas e estudos de caso.” Por essa razão, como parte da primeira etapa dessa pesquisa será feito um levantamento bibliográfico, e como esclarece Gil:

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. (...) A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. (2008, p. 50)

Para isso, serão estudadas teses, artigos e livros relacionados com o tema, para auxiliar na compreensão e na reflexão sobre o fenômeno da violência. Além da pesquisa bibliográfica, também será realizado por essa pesquisa um levantamento documental nas escolas e no conselho tutelar do município para que se possam verificar os possíveis casos de agressões na escola. Nesse sentido Gil afirma que:

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (2008. p.51)

Por tanto, as fontes dessa pesquisa não serão encontradas somente nos livros, mas em documentos que também contribuíram com informações importantes para encontrarmos de forma mais clara os conceitos e características do nosso objeto de estudo. Entretanto, nas pesquisas documentais:

A palavra “documentos” (...) deve ser entendida de uma forma ampla, incluindo os materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memorandos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade) e os elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes). (GODOY, 1995, p.21-22)

A busca de informações será realizada a partir de diversas fontes, inclusive nas próprias escolas estudadas, como através da análise do projeto político pedagógico (PPP), onde será verificada a existência de políticas voltadas para a prevenção das violências, o estabelecimento de normas em casos de indisciplina, etc. Também serão analisadas atas de reuniões em busca de anotações que comprovem eventos de

violência dentro das escolas, como ocorreu, e quais os encaminhamentos ocorridos no devido caso. Também se buscará no conselho tutelar do município, indícios que comprovem casos de violência entre jovens dentro e/ou fora da instituição de ensino, para que se perceba o grau de violência presente no município.

A fim de caracterizar o fenômeno e as percepções dos sujeitos envolvidos, esse projeto também se configura como uma pesquisa descritiva, afinal:

as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno. (...) São incluídas neste grupo as pesquisas que têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. (GIL, 2008, p.28)

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório-descritivo, que será seguida por um trabalho de campo realizado numa abordagem qualitativa, com dados obtidos através de observações, entrevistas e questionários, a fim de criar a possibilidade de se identificar casos e as reações frente a essas práticas. A pesquisa de campo será focalizada na comunidade escolar e será desenvolvida por meio da observação das atividades do grupo estudado e de entrevistas com seus sujeitos, a fim de capturar suas explicações e interpretações em meio ao tema, o que entendem como violência escolar, se já foram vítima ou praticaram tal ato. De acordo com Prodanov:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los. (2013, p.59)

De acordo com as técnicas de coleta, essa pesquisa de campo terá uma abordagem qualitativa. Pois se deseja apreender os detalhes das situações que dificilmente se observaria com métodos quantitativos, privilegiando os sujeitos que vivenciam as situações analisadas, estudando as várias possibilidades de relação do fenômeno com a instituição examinada. Segundo esse aspecto, os estudos qualitativos indicam que:

um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo

a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p.21)

Segundo Prodanov:

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. (2013, p.70)

Os instrumentos utilizados para a coleta desses dados serão: as entrevistas não estruturadas, os questionários e a observação sistemática, a fim de obter um conhecimento amplo e detalhado. A entrevista se diferencia do questionário, pois esse “tem como pré-requisito a elaboração de um impresso próprio com questões a serem formuladas na mesma sequência para todos os informantes.” (Prodanov, 2013, p.106) enquanto a entrevista “pode ou não ser realizada com base em um roteiro de questões preestabelecidas” (Prodanov, 2013, p.106)

A entrevista não estruturada irá possibilitar respostas livres com espaços para explicações e/ou comentários. Na formulação do questionário as perguntas serão construídas de acordo com as questões que impulsionam essa pesquisa. Essa pesquisa não trata apenas de quantificar e reconhecer os casos ocorridos, mas de desvendar experiências pessoais em relação ao fenômeno. Por tanto, ao definir os métodos e as técnicas de coleta de dados que serão utilizados “não devemos perder de vista os objetivos (...) porque os dados coletados têm, como função, oferecer subsídios para responder à questão central do problema e, conseqüentemente, atingir o objetivo geral.” (Prodanov, 2013, p.111) já a observação sistemática deverá obedecer a um planejamento para que possa ser eficaz e responder aos fins preestabelecidos.

Durante o estudo de campo, também será construído o diário de campo, onde irá conter todos os registros do dia no campo de pesquisa, situações e fatos ocorridos e das reflexões feitas a cada dia, apontando no diário aquilo que vê/observa ao longo do seu processo de investigação para depois se possa analisar e estudar. Essa é uma possibilidade a mais de investigação e como confirma Zaccarelli e Godoy:

a sua relevância como modalidade de investigação que “dá voz” aos participantes da pesquisa, permitindo que eles falem (ou registrem suas experiências) por si mesmos, propiciando a oportunidade de o pesquisador entrar em contato com os significados múltiplos e variados presentes nas visões que eles possuem da realidade social. (2010, p. 562)

A amostragem dessa pesquisa terá as escolas municipais de ensino fundamental de Redenção-CE como unidades de observação. E as entrevistas e questionários serão aplicados aos sujeitos que fazem parte da comunidade escolar: professores, funcionários, pais, alunos e etc. Com isso, espera-se que este projeto, através da análise da bibliografia sobre o assunto, dos documentos, das pesquisas realizadas através das entrevistas e questionários, possa oferecer alternativas que reduzam a agressividade entre os alunos dentro e fora dos estabelecimentos de ensino.

6. RESULTADOS ESPERADOS

A conclusão desse trabalho visa uma tentativa de alertar a toda comunidade escolar para a prevenção dos casos de violência, garantido assim a qualidade do ensino/aprendizagem de crianças e adolescentes das escolas públicas municipais de Redenção-CE, unindo escola e família na busca por mecanismos que possibilite um convívio harmonioso dentro do ambiente escolar, refletindo assim no convívio em sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Cotidiano das escolas**: entre violências. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005.

ABRAMOVAY, Miriam; AVANCINI, Marta; OLIVEIRA, Helena. O bê-á-bá da intolerância e da discriminação. In: **Direitos negados**: a violência contra a criança e o adolescente do Brasil. 2.ed. Brasília: UNICEF, 2006, p. 29-53.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas** (versão resumida). Brasília: UNESCO, 2003.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). 13 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

CAREN, Ruotti; ALVES, Renato; Cubas, Viviane de Oliveira. **Violência na escola**: um guia para pais e professores. São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **INTERFACE**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16>>. Acesso em: 12 mai. de 2016.

DEBARBIEUX, Eric; BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

DISKIN, Lia; ROIZMAN, Laura Gorresio. **Paz, como se faz? Semeando cultura de paz nas escolas**. 4. Ed. Brasília: UNESCO, Associação Palas Athena, Fundação Vale, 2008.

ELIAS, Maria Auxiliadora. **Violência escolar**: caminhos para compreender e enfrentar o problema. São Paulo: Ática Educadores, 2011.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege**: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, Mai./ Jun. 1995. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: 20 mai. de 2016.

OLIVEIRA, Eny da Luz Lacerda. Gestão escolar e Combate à violência: uma articulação necessária. Revista **Contrapontos** – v.8 – n.3 – p. 491-505 – Itajaí, set/dez 2008. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/968/825>>. Acesso em: 09/08/2016.

OLIVEIRA, José Eduardo Costa de. **As ações das escolas, através de seus gestores, no processo de enfrentamento da violência escolar**. 2009, 244p. Tese de Doutorado em ciências (Enfermagem em Saúde Pública). USP, Ribeirão Preto – SP, 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: < <http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

ROLIM, Marcos. **Mais educação, menos violência**: caminhos inovadores do programa de abertura das escolas públicas nos fins de semana. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2008.

SOUZA, Liliane Pereira de. A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira. **Revista LABOR** nº7, v.1, 2012. p. 20-34. Disponível em: <http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume7/2_A_violencia_simbolica_na_escola_-_Liliane_Pereira.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SPOSITO, Marília Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100007>. Acesso em: 06 fev. 2016.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência IV**: os jovens do Brasil. Brasília: UNESCO, Instituto Airton Senna, Secretária especial dos Direitos Humanos, 2004.

ZACCARELLI, Laura Menegon; GODOY, Arilda Schmidt. Perspectiva do uso de diários nas pesquisas em organizações. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 8, nº 3, artigo 10, Rio de Janeiro, Set. 2010. p. 550-563. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5172/3906>>. Acesso em: 12 out. 2016.